

Hoje
é 11 de Setembro
de 2.001



relendo

6. COM O ARQUITECTO MAX ABRAMOVITZ SOBRE VIVENDAS E URBANISMO

Encontro-me no Rockefeller Center, um conjunto de edifícios situados em pleno coração de Nova Iorque. Torres de muitos pisos a perfurar o céu cinzento, bandeiras de todos os países a ondular à brisa outonal, a circundar com a estridência das suas cores uma pista de patinagem onde esboçam passos atrevidos e alegres piruetas pares ou solitários de todas as cores concentrados na sua tarefa de patinadores, como se disso dependesse o destino do Mundo. No meio dos altos edifícios, essa ilha alegre e desportiva põe uma nota de civilização nortenha e pacífica, como que arrancada de uma gravura do século passado. Está frio. Nova Iorque não é uma cidade bonita, antes pelo contrário, mas possui ilhas como essas, de arquitectura atrevida, de paz e de bom gosto, que contrastam de maneira dolorosa com o resto.

Creio que cidades como esta são a imagem viva de uma explosão demográfica que tudo domina e sujeita a uma problemática de ajuste. Há que construir com rapidez muitas casas para nelas se acolherem milhões de seres humanos. Há que imaginar grandes lojas e armazéns onde possam caber e movimentar-se esses milhões, criar restaurantes onde possam alimentar-se milhões de bocas famintas a qualquer hora do dia ou da noite. Há que dispor de meios de transporte adequados. Há que viver de qualquer maneira e custe o que custar. Daqui, os arranha-céus, que mais não são que enormes paredes destinadas a albergar muita gente num espaço reduzido, sem preocupações com a beleza arquitectónica do conjunto, paredes após paredes erguidas para a única dimensão e a única direcção possíveis, baratas e sem impecilhos, ou seja, até aos céus. Paredes sem futuro nem ambições de duração no tempo, como o foram as pirâmides e as catedrais. Paredes que não chegam a envelhecer como todas as coisas feitas com pressa e que não são forçadas a permanecer ali de pé mais de vinte ou quarenta anos, pois há que derrubá-las presto e erigir em seu lugar outras paredes, se possível ainda muito mais altas, capazes de dar alojamento aos novos milhões que nasceram entretanto. Há aqui uma impaciência, uma

pressa que denuncia eloquentemente aquilo a que Daniel Halévy chamava «a aceleração da história». Uma pressa existencial que tudo explica. E há também uma maneira de sofrer em nome de todos os homens que atemoriza o recém-chegado como eu e lhe fornece a chave de toda esta barafunda.

O homem norte-americano é o ser humano que hoje em dia mais sofre à superfície da Terra, porque é o ponto máximo de uma tensão tornada quase insuportável. Aqui se situa o tremendo conflito entre brancos e negros, o ódio racial, a guerra do Vietname, que divide os corações e as consciências, o problema da conquista do espaço, presente em todos os lares, problema que implica não só a curiosidade mas também e sobretudo a ansiosa expectativa do mundo inteiro, aterrado com a falta de espaço. Aqui reside igualmente a fúria de viver a violentar as mãos e as consciências, forçando o norte-americano a um desgaste da sua actividade que ainda mais ninguém logrou atingir neste mundo. Tudo se traduz em rostos angustiados, em droga considerada como tábua de salvação, em bebida transformada em eficácia metafísica, em espectáculos e em pornografia que pretendem ser a outra face da tensão quotidiana e que só logram desesperar ainda mais as almas sequiosas de repouso e de outras compensações. O próprio espectáculo da rua nova-iorquina é angustiante. Apertados entre horríveis fachadas uniformes correm rios de carros e de homens e mulheres, hora a hora, tal como num desfile demoníaco. Rostos de pobres ou de ricos, de brancos, de amarelos ou de negros, encimando silhuetas cambaleantes, gastas pelo trabalho e pelo vício. Tudo é cinza e sujidade. Nova Iorque é a cidade mais enxovalhada que já vi. Aonde ir para lograr uma réstia de esperança, uns instantes de paz? Os grandes museus escancaram aqui as suas portas como o faziam as igrejas de outrora, para dar a esta gente uma migalha de equilíbrio e de esquecimento. Admirar quadros de Picasso ou de Rembrandt equivale aqui a poder-se filosofar em silêncio e em paz, tratar de compreender com a ajuda da arte o que tudo o mais torna incompreensível e insuportável. Por estas ruas, entre estas casas que são como braços mortais erguidos para o céu em atitude implorativa ou de protesto, entre todo este gótico laicizante e profano, está-se a forjar possivelmente a alma de todo o mundo, num tremendo esforço de compreensão e de articulação. Nova Iorque e os Estados Unidos são como que a nossa vanguarda dolorosa, desesperada e talvez eficaz. Desta dor gigantesca brotará talvez um dia uma solução melhor ou pior, quer dizer, algo de novo.

Eis a ínvia estrada que me levou a esse arquitecto, autor do edifício das Nações Unidas, considerado como o espírito mais ousado